

## QUEM TEM RAIVA DE LEOPOLDO?

Maria Clara L. Bingemer

Leopoldo é nome de rei ou de imperador e nos soa levemente austríaco. Nas páginas policiais do último dia 6 de janeiro, no entanto - tristemente, no mesmo dia em que a Igreja celebra a Festa da Epifania, mais conhecida como dos Reis Magos -, Leopoldo mobilizou os corações de todos na pessoa e no rosto do índio caingangue morto a golpes, pontapés e socos por um grupo de jovens em Miraguí, no Rio Grande do Sul.

A morte de Leopoldo tem o mesmo travo amargo de outra morte, ocorrida em 1997, em Brasília, a do índio pataxó Galdino, que dormia em um banco de rua da capital e foi incendiado vivo por um outro grupo de jovens de classe média alta. Detidos e interrogados, os jovens alegaram que pensaram que fosse "um mendigo".

Muito já foi escrito sobre o tema, mas sua gravidade e sua reincidência - no assassinato do garçom em Porto Seguro, na adolescente que envenenou o pai com raticida pelo fato de o mesmo opor-se ao seu namoro, no neto que matou a avó, em outro assassinato recente de outro índio etc. etc. - parecem-nos justificar sua retomada.

Quando a violência se mimetiza e começa a repetir-se em série, sua face mortal mostra-se ainda mais apavorante do que já é. Outro assassinato gratuito e absurdo? Outro crime que tem como protagonistas um índio e alguns jovens entediados com suas vidas vazias, que resolvem descarregar sua agressividade em um inocente brasileiro que nada fazia de mal ou de estranho, para instigar os instintos reprimidos de seus assassinos?

Quem tem raiva de Leopoldo? Quem tinha raiva de Galdino? Quem tem raiva daqueles que, marcados irremissivelmente pela alteridade e pela diferença de sua etnia, gênero ou condição social, ficam proibidos e espoliados do direito de viver, do direito de ir, vir e estar nos lugares públicos?

Os assassinos de Galdino pensaram que o mesmo fosse um mendigo. E os de Leopoldo? Pensaram que fosse o quê? O que, na diferença do índio, despertou seus piores instintos a ponto de cometerem o crime? Qual é o dispositivo podre e deteriorado que, dentro do ser humano, o leva a eliminar o outro sem nenhum motivo aparente ou nenhuma causa direta?

Em nossas cidades povoadas de injustos e opressores contrastes, que geram ódios e violências dentro das próprias famílias e separam os que mais deveriam estar unidos, instalou-se um individualismo tão desumano que as pessoas perderam a noção dos próprios limites, da própria responsabilidade e, sobretudo, dos limites e da responsabilidade a que a existência do outro, que é diferente de mim, me obriga. E isso simplesmente porque o outro deixou de existir. Deixou de existir como pessoa aos meus olhos narcisicamente hipnotizados por meu inflado ego.

E assim como o narcisismo e o individualismo exacerbados vão criando um mundo fantasioso e imaginário onde só existo eu, que me deleito na minha própria contemplação no espelho do lago que terminará por atrair-me para a morte, assim também a única lei que reconheço e à qual respeito e tudo sacrífico é o meu desejo imediato, minha vontade para já, meu capricho e meu prazer, mesmo que estes tomem a forma de impulsos e pulsões cegos e doentios.

Galdino e Leopoldo foram vítimas desse estado de coisas. E bem perto deles, outros que já mencionamos. O mais assustador é que se trata de uma história que se

repete. Triste presente para o Brasil no Dia dos Reis Magos. Pior ainda se o crime ficar impune e se instalar um acordo tácito de que a violência compensa.

[03/FEV/2003]